

## **A Metafísica da Vontade e as Ciências: um estudo em Schopenhauer sobre a natureza humana<sup>1</sup>**

### **The Metaphysics of Will and The Sciences: a study in Schopenhauer on human nature**

RAMONN DE OLIVEIRA ALVES

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (PPGFIL-UFPA).

[ramon\\_x3@hotmail.com](mailto:ramon_x3@hotmail.com)

FLÁVIO LUIZ DE CASTRO FREITAS

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

[f\\_lcf@hotmail.com](mailto:f_lcf@hotmail.com)

MICHELE ANGELO TINAGLI CASAROSA

Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade- PGCULT da Universidade Federal do Maranhão.

[professor.michelangelo@yahoo.com](mailto:professor.michelangelo@yahoo.com)

#### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho consiste em tentar explicitar uma possível relação entre o argumento do filósofo Arthur Schopenhauer acerca da natureza humana, à luz de sua metafísica da vontade, e aspectos das ciências empíricas, tomadas aqui enquanto base para uma filosofia imanente da natureza. Para tanto, algumas obras importantes foram adotadas como base deste estudo, tais como: *O Mundo como Vontade e Representação* e *Sobre Vontade na Natureza*. Inicialmente, procurou-se aproximar alguns elementos de sua formação científica e investigar como o autor utiliza os recursos das ciências da vida em sua metafísica, transferindo seus argumentos filosóficos para áreas de estudo como a fisiologia. Em seguida pretendeu-se com explorar uma espécie de argumento naturalista, à medida que adentra o panorama observacional do filósofo. O objetivo não é estabelecer uma defesa desta visão, mas compreender a dinâmica desta intelecção sobre natureza, o que permitirá examinar dimensões tanto do ponto de vista naturalista quanto existencial, intimamente relacionadas com a sujeição do homem a um princípio volitivo.

**Palavras-chave:** Schopenhauer. Ciências. Metafísica. Natureza Humana.

#### **ABSTRACT**

The objective of this paper is to try to explain a possible relationship between the argument of the philosopher Arthur Schopenhauer about human nature, in the light of his metaphysics of will, and aspects of the empirical sciences, taken here as the basis for an immanent philosophy of nature. Therefore, some important works were adopted as the basis for this study, such as: *The World as Will and Representation* and *About Will in Nature*. Initially, an attempt was made to bring together some elements of his scientific training and investigate how the author uses the resources of life sciences in his metaphysics, transferring his philosophical arguments

<sup>1</sup> Artigo submetido para avaliação em 10 de outubro de 2021 e aprovado em 12 de novembro em 2021.

to areas of study such as physiology. Then, it was intended to explore a kind of naturalist argument, as it enters the observational panorama of the philosopher. The objective is not to establish a defense of this vision, but to understand the dynamics of this understanding of nature, which will allow us to examine dimensions both from a naturalistic and an existential point of view, closely related to the subjection of man to a volitional principle.

**Keywords:** Schopenhauer. Science. Metaphysics. Human Nature.

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão de Arthur Schopenhauer sobre a natureza do mundo é talvez uma das propriedades mais representativas na obra do filósofo, que o marcou para a posteridade como um filósofo do pessimismo. Schopenhauer evidencia a partir de sua metafísica da vontade, as incoerências da ação humana, decorrentes, segundo ele, de uma disposição na natureza que sujeita não somente o homem, mas todos os organismos, com o objetivo de afirmar-se.

No entanto, para além de uma referência pensada em um viés pessimista, há percursos dentro do seu quadro reflexivo que nos permitem buscar variantes interpretativas para além de uma leitura puramente pessimista do mundo, acerca da sua filosofia. Sobretudo, elencando um intérprete que nos ajuda a pensar sobre o agir humano na tentativa de compreender o mundo e que se propõe a transpor a relação de oposição que o dualismo cartesiano coloca entre mente e corpo.

Intérpretes dessa linha de raciocínio, como Arthur O. Lovejoy, apontam para um esforço do homem ocidental em compreender intelectualmente o mundo, tentativa que se mostra latente na obra de Schopenhauer.

Lovejoy, em uma de suas muitas análises, busca compreender o progresso das ideias, partindo da tradição do pensamento grego, traçando a evolução desse conhecimento até sua época. Em sua obra mais influente, *A Grande Cadeia do Ser* (2005), o autor busca fundamentos para sua teoria nos estudos de filósofos clássicos como Platão e Aristóteles, percorrendo o período medieval e autores modernos, demonstrando assim a íntima conexão entre a filosofia e o desenvolvimento da ciência, no processo evolutivo do conhecimento. Partindo assim do pressuposto de que “todos os elementos da história” estariam ligados como elos de uma grande cadeia de seres (*scala naturae*)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A ideia também retorna na história da biologia, segundo a qual todos os organismos podem ser dispostos de forma linear, contínua e progressiva, do mais simples ao mais complexo. Esse esforço tem sido observado de forma sistemática desde Aristóteles, que exerceu tentativas em catalogar, quantificar e determinar os diferentes grupos de seres presentes na natureza.

Nesse sentido, evidencia-se aqui um pequeno recorte dessa escala, que Lovejoy fornece sobre o autor em questão. Em seu texto sobre a perspectiva biológico-evolutiva, identifica em Schopenhauer, a sua equivalência à construção do conceito de Vontade, a ideia de uma "força vital", então bastante presente na biologia desde o do século XVIII ao início do XIX, o que em certa medida representa uma projeção de referenciais históricos e científicos na teoria schopenhaueriana, ao mesmo tempo que se mostra uma interpretação filosófica sobre o homem dentro de uma perspectiva naturalista: “A Vontade é, ainda, a ‘Natureza’ de Goethe; é a ‘força vital’ [...] é até mesmo o corpo físico do homem e dos animais em contraste com a mente [...] elemento instintivo, ingênuo, espontâneo e irrefletido da natureza humana, o qual foi glorificado por Rousseau [...]” (LOVEJOY, 2021, p. 238).

Portanto, nos deparamos aqui com uma metafísica imanente (não transcendente), que se volta para as "coisas do mundo", cuja atribuição central não é idealizar os supostos objetos que estão fora do alcance do conhecimento empírico, mas sobre o que se desdobra para nós em nosso cotidiano.

Quanto à "vontade", é importante ter em mente que sua aplicabilidade vai muito além do campo do comportamento humano, que abrange o "instinto" e "impulso" dos animais e o "desejos" humanos.

Essa expansão singular do conceito de “vontade” se fundamenta na afirmação de que, embora apenas os humanos estejam claramente cientes da vontade, ela provém do mesmo princípio metafísico das forças dos corpos materiais e dos impulsos animais.

Vamos empregar esta noção de essência íntima das coisas [...] para penetrar esses fenômenos inorgânicos tão afastados de nós. Se olharmos atentamente, se virmos o ímpeto poderoso, irresistível, com que as águas se precipitam nas profundezas [...] a violência com que os dois polos elétricos tendem um para o outro, violência que cresce com os obstáculos como os desejos humanos; [...] não teremos de fazer grandes esforços de imaginação para reconhecer ainda aí, embora a uma grande distância, a nossa própria essência, a essência desse ser que, em nós, atinge seu fim, iluminado pelo conhecimento, mas que aqui, nas mais fracas das suas manifestações, se esforça obscuramente, sempre no mesmo sentido, e que, no entanto, visto que ele é em todo lugar e sempre idêntico a si mesmo, do mesmo modo que a aurora e o pleno meio-dia são a emanção do mesmo sol, merece, em ambos os casos, o nome de vontade, pelo qual designo a essência de todas as coisas, o fundo de todos os fenômenos (SCHOPENHAUER, 2001, p. 126-127).

Dito isso, mesmo quando a vontade humana é guiada por representações ou motivos racionais, as raízes da ação racional ainda estão sujeitas à mesma vontade universal que "opera os mecanismos cegos das forças da natureza" e à finalidade orgânica dos instintos animais. Isto é, o argumento anterior levanta o questionamento das aparentes desproporções que existem entre os fenômenos inorgânicos e a vontade íntima nos seres humanos, as quais

são contestadas em princípio pela expressão de determinação em alguns e a aparência do livre arbítrio em outros. Pondo essa posição, a percepção sobre as ações que mobilizam o comportamento humano tem como fio condutor o pressuposto de que existem vontades elementares em relação à natureza, nas quais o intelecto é apenas um instrumento racional da vontade. Para Schopenhauer (2001, p. 308), “A vontade é a realidade primeira, o solo primitivo; o conhecimento vem simplesmente sobrepor-se aí, para depender dele, para ajudá-lo a manifestar-se [...]”.

Seguindo por esse caminho, nos deparamos aqui, com o pensamento de Schopenhauer, contendo características versáteis do ponto de vista teórico, o que propícia, portanto, explorar essa percepção sobre a natureza humana de múltiplas formas: tanto do ponto de vista filosófico existencial, quanto por uma variante naturalista, dados os atributos presentes na filosofia do autor que são relevantes para esse fim. Nesse sentido, destacamos que Schopenhauer compreende o homem como um ser inerentemente inclinado a se mover segundo necessidades que lhe são impostas por estas duas instâncias, como mostram algumas de suas passagens, apontando para a disposição do “corpo” como a própria expressão da natureza que é “vontade de viver” (*Wille zum Leben*) (SCHOPENHAUER, 2001, p. 327). Nesse sentido, o problema que nos remete a esta investigação é compreender: como Schopenhauer percebe a natureza humana dentro de um prognóstico volitivo, que ele acredita operar sobre os desígnios da vontade?

## **2 SOBRE A NATUREZA HUMANA**

A ideia de que o fenômeno humano também deve ser percebido no estado de sua própria constituição como espécie, despertou na Europa do século XIX o interesse em estudar o comportamento, a anatomia e a constituição fisiológica do homem como uma implicação dessa natureza, da qual emana seus impulsos de manutenção e sobrevivência, características pertencentes às demais espécies, no entanto, esta não foi uma interpretação exclusiva do naturalismo que levou à teoria da evolução de Darwin. Podemos também extrair diferentes variantes especulativas eminentemente filosóficas desse mesmo período, a partir do pensamento de autores que refletiram sobre a constituição da espécie humana, como um organismo vivo presente na natureza e conseqüentemente suscetível a ela.

A intenção que acompanha esse estudo é explorar, segundo o pensamento do alemão Arthur Schopenhauer, a sujeição dos fenômenos como circunstância atribuída a sua metafísica da vontade, concebida pelo filósofo como atuante soberanamente na natureza,

descrita como um ímpeto cego e irracional, sem qualquer consciência, finalidade ou propósito, à qual estaria sujeito a essência de todo fenômeno, igualmente, presente no homem, eixo investigativo que esse trabalho se limita a abranger.

Tal debate, dedicado à pesquisa antropológica sobre a natureza do homem, já foi motivação para várias formas de interpretação por pensadores como Aristóteles, Agostinho, Hobbes, Rousseau e Hume etc. Embora nossa pesquisa não rejeite os antigos fios de análise que contribuíram para o progresso que nos trouxe até aqui, parte do nosso estudo, devido à conformidade da abordagem com o autor pesquisado, está mais próximo do que hoje é a antropologia filosófica contemporânea, "nutrida" por vários campos da ciência.

O aspecto que faz essa abordagem ser mais estreita com a ciência, deve-se ao fato da formação científica de Schopenhauer, registrado durante sua passagem pela Universidade de Göttingen (*Georg-August-Universität Göttingen*), um dos maiores centros de pesquisa no campo das ciências físicas e biológicas da Europa de sua época. Como também é oportuno mencionar sua publicação *Sobre a vontade na natureza*, considerada por Schopenhauer, a "prova real" de sua doutrina, obtida por meio das ciências empíricas, sendo este um dos recursos conceituais importantes para estabelecer nosso ponto de partida para uma investigação acerca da pluralidade de manifestações da vontade metafísica influente sobre a natureza.

Nesse sentido, a noção de "natureza" que iremos nos ater está notadamente vinculada, ao conceito de representação (*Vorstellung*), entendida como uma percepção do mundo, tal como ele aparece no ato cognoscível, e se estabelece através de uma relação indissolúvel entre o sujeito que percebe com objeto percebido, parte dessa compreensão de Schopenhauer pode ser entendida como um viés investigativo formal sobre a natureza, que consideramos aqui, empregar as ciências naturais em seu método especulativo, por outro lado, embora o autor use esses campos da pesquisa científica para dizer "o que é a natureza", ele admite que a "ciência é incapaz de fornecer a substância deste mundo", isto é, o princípio de razão apenas descreve como o mundo emerge como representação, mas não pode dizer nada sobre o que o mundo é em essência. Por esse motivo, um importante segmento deste estudo é tentar demonstrar às partes da divisão que estrutura o trabalho investigativo de Schopenhauer, se valendo a princípio de uma ciência da natureza, onde derivam os ramos que lhes são aptos para essa observação, e em parte sua metafísica da natureza, onde em seu interior adquire um sentido próprio acerca de uma vontade metafísica, parte fundamental para compreender a pluralidade de manifestações sobre o fenômeno humano na concepção do autor.

Há, portanto, traços em sua obra que alimentam algumas questões sobre a compreensão de uma natureza humana em termos de sua metafísica, porém, devem ser mais bem caracterizados para que se compreenda como Schopenhauer percebe sobretudo – a dinâmica dessa natureza – em particular. O que se pode assinalar de antemão é que, em Schopenhauer, a vontade assume um estatuto cosmológico como resultado de sua extensão, o que significa que o mundo é sua própria expressão, e a vontade é a essência dessa natureza, desse modo tudo o que constitui a natureza, todos os fenômenos que dela fazem parte estão, portanto, sujeitos a uma necessidade absoluta, e a marca dessa necessidade pode ser descoberta em todos os cantos do mundo, em todos os fenômenos (SCHOPENHAUER, 2001, p. 327). Assim sendo, a vontade, enquanto causa dessa necessidade possui a autonomia sobre os fenômenos, sendo capaz de submetê-los enquanto forma de representação no mundo.

Com essas considerações anteriores, fundamentadas sobre os escritos *Sobre a vontade na natureza* (2013) e o *Mundo como vontade e representação* (2001), avaliamos ser possível indicar o escopo investigativo deste estudo, correspondendo à sujeição de sua metafísica da vontade, sobre os fenômenos, em particular, na busca por compreender como a natureza do fenômeno humano é percebida pelo autor nessas circunstâncias. Em seus escritos que tratam da investigação da natureza, como a primeira obra citada acima, entendemos que não há apenas uma descrição dos métodos empíricos analisados pelo autor em apoio à sua metafísica, mas, de fato, a efetiva exposição filosófica da sua compreensão da natureza, portanto, mais do que especificar os argumentos para a defesa dessa compreensão no autor, interessa-nos aqui compreender sua perspectiva observacional, isto é, a partir de sua cosmologia, explorar sua percepção do fenômeno humano, dentro do que ele entende por natureza. Embora Schopenhauer não separe o homem diretamente de outros fenômenos, ele cria graus de objetificação da vontade para distingui-lo, mas nunca desconectado da totalidade. Com base nesses pressupostos levantados, é possível interpretar que o interesse em detalhar esse ambiente se reflete na descrição do desaparecimento da individualidade humana (SCHOPENHAUER, 2018, p. 48) em relação à proporção dessa mesma natureza à qual o homem é inserido.

Preliminarmente, entendemos que essa universalidade empreendida como tentativa de descrição da natureza torna-se um dos principais problemas ao se tentar colocar em prática um estudo sobre as camadas de sua metafísica, dentro do que nos limita à análise, sobre as perspectivas humanas neste campo. Por outro lado, a partir de seu sistema metafísico que se utiliza de alguns ramos da ciência empírica, é perceptível que Schopenhauer expressa um olhar dentro do indivíduo em busca de um sentido que agregue à sua filosofia da natureza,

permitindo a ele explorar noções específicas tanto de uma dimensão naturalista quanto existencial no homem. Nesse sentido, buscamos explicações sobre a natureza humana que não podem ser totalmente justificadas fora de seu âmbito metafísico. Apesar de suas generalizações, pode-se perceber um esforço, mesmo com o uso das ciências empíricas, de ampliar ainda mais essas investigações sobre a natureza sempre que o autor se depara com uma limitação decorrente de uma explicação física, tateando no terreno da possibilidade e do conhecimento plausível para experiência. Neste contexto, o conceito de vontade, indica uma certa tendência fundamental da natureza e, conseqüentemente, uma influência substancial e peculiar na existência humana, e deve ser compreendida não apenas por uma consciência trágica (seguindo uma leitura pessimista), mas derivado de uma atividade racional que precisa dar sentido ao mundo.

### **3 SOBRE AS CIÊNCIAS DA NATUREZA**

A filosofia do século XIX obteve uma ampla gama de pensadores que produziram um discurso filosófico singularmente fecundo, oferecendo à tradição filosófica novas visões sobre velhos problemas. Dentre esses autores, destaca-se o pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), cuja obra teve forte influência em uma série de pensadores importantes (como Nietzsche, Freud e Bergson), seu trabalho foi de natureza híbrida, ao combinar o pensamento platônico e kantiano e incorporar elementos dos textos orientais em seus escritos, sendo um dos primeiros pensadores ocidentais a dar essa importância, além disso, um movimento interessante para sua filosofia deve ser enfatizado: o estabelecimento de pontos de intersecção como a espinha dorsal das ciências naturais, confirmando a natureza de sua metafísica imanente (SCHOPENHAUER, 2013, p. 23). Desse ponto de vista, o caminho filosófico que Schopenhauer percorre até o fim de sua obra intelectual é validar suas teorias metafísicas com as descobertas científicas da época. Da mesma forma, as ciências empíricas aparecem em sua filosofia como testemunhas sensoriais de sua doutrina da vontade.

Em seu pensamento filosófico relacionado à fisiologia, identifica-se o objetivo de estudar as relações básicas que constituem a vida, desde a forma do espaço, do tempo e da causalidade até a estrutura dos animais (considerando a objetividade da vontade). Nessa perspectiva, não é sem razão que Marco Segala confirma a relevância de campos da ciência empírica no trabalho investigativo do filósofo “A importância da fisiologia no pensamento de Schopenhauer é a importância do corpo como um lugar privilegiado para a pesquisa filosófica que leva à descoberta metafísica de que “o mundo é vontade” (SEGALA, 2003, p. 135). Em

outras palavras, Segala insinua que os estudos empíricos ganham relevância em Schopenhauer como uma espécie de transição da ciência da natureza para a da filosofia da natureza, o que demonstra uma certa conexão orgânica entre as descobertas científicas e suas especulações filosóficas regidas por uma teorização volitiva.

Assim, Schopenhauer (2013) acredita que os elementos constituintes da natureza conspiraram para o fim último, a própria preservação de si (o querer viver); sua metafísica imanente busca evidências para essa afirmação, ao admitir que nada do que está na composição dos organismos é inútil, ausente ou imperfeito, defendendo que "a natureza não faz nada supérfluo". Nesse sentido, como lembra Cacciola, Schopenhauer ao pressupor que a vontade de viver é indispensável, a racionalidade perde seu poder absoluto sobre si mesma e sobre o mundo, permitindo-lhe perceber algo mais que se opõe a ela, "O "Eu quero" toma o lugar do "eu penso" "cartesiano" (CACCIOLA, 2007, p. 34). A questão não é que a razão assuma um papel secundário do ponto de vista pragmático, mas a observação, como identifica Cacciola (2007), é que ela não sustenta todas as nossas escolhas, já que para o filósofo o que estimula as ações humanas é o querer. Portanto, uma relevância invariavelmente pertinente a essa tônica é a discussão do problema da racionalidade, percebida por Schopenhauer como um "instrumento" subordinado à vontade, um enunciado que pode ilustrar o "domínio das ações" (BRANDÃO, 2007, p. 19).

No primeiro livro, *O mundo como vontade e representação* (2001), destaca-se a crença empírica de que a vida tem um custo; o sofrimento e o desejo são condições constitutivas da natureza humana, a razão é um instrumento da vontade, um "instrumento" adquirido pela espécie inconscientemente, determinado de acordo com as necessidades do organismo (BRANDÃO, 2007, p. 21), fundido com o corpo, em princípio, pelo fato de o sofrimento resultar da desproporção entre o que queremos ou esperamos e o que podemos ter (SCHOPENHAUER, 2001, p. 97).

Devido a essa condição concernente à natureza do homem, Schopenhauer crê que os estados de "felicidade absoluta" almejada no anseio por satisfação são irrealidades da consciência encobertas pelo chamado "véu das ilusões" (*Ibid.*, p. 98), a dor e o sofrimento são reais e se revelam sem subterfúgios "Existe uma contradição notória em querer viver sem sofrer, contradição que está totalmente envolvida na palavra "vida-feliz" (*Ibid.*, p. 100).

Em outras palavras, Schopenhauer percebe o sofrimento como um encargo que todos os seres vivos enfrentam. Percepção advinda de um caráter de contrapartida, abertamente amparado pelo fato que o fenômeno deseja existir e, precisa satisfazer suas necessidades. Dado que a vontade está permanentemente arraigada na natureza, por meio do



querer, da carência, das tensões inerentes ao corpo, existem exemplos práticos de ações, funções e respostas do corpo que estão aparentemente além do controle da pretensa vontade racional.

Schopenhauer assim, transfere sua percepção para um estado reflexivo sobre as camadas do corpo e da consciência, que a racionalidade não consegue sondar, ou pelo menos para a época não chegava a interessar-se.

Seguindo essa tônica, nós voltamos para o conceito volitivo schopenhaueriano, referido por Cacciola (1994, p. 34) “[...] como um fato dado imediato ao ser vivo que tem, portanto, um caráter de atividade [...]”, conceito que se estende ao plano dos organismos vivos relacionados à vida, o que dá um elemento de materialidade para a observação empírica seguindo esse aspecto interpretativo.

Tomando como base de análise as obras de Schopenhauer em apuração, verifica-se que a questão naturalista se encontra presente em seus escritos, subentendida desde a sua fase da maturidade, mas é em uma de suas obras finais *Über den Willen in der Natur* [Sobre a Vontade na Natureza] que o filósofo, deixa explícito a sua tendência ao discurso, postura essa cujo interesse é expressar as corroborações que a sua filosofia recebe por parte das ciências empíricas desde o princípio de suas publicações.

Por outro lado, Schopenhauer sempre havia feito questão de sublinhar que sua filosofia não tinha a menor intenção de competir com as ciências da natureza (SAFRANSKI, 2011, p. 391). Desse ponto de vista, sua proposição é oferecer observações especulativas/descriptivas que não devem se basear em abstrações vazias, mas em um ponto cético comum compartilhado com a ciência.

#### **4 A SUJEIÇÃO À METAFÍSICA DA VONTADE**

Utilizo o termo “A sujeição da natureza humana à metafísica da vontade”, para me referir à natureza humana na perspectiva de uma disposição volitiva tomada como parâmetro pelo filósofo. Isto é, partindo do proveito que Schopenhauer nos oferece uma possibilidade interessante de problematizar o intelecto humano, frente aos seus dispositivos e necessidades biológicas, submetidas a uma interpretação metafísica, em uma espécie de observação do contraste da racionalidade com a voluptuosidade, que acompanham a existência humana.

Não há como negar que a hipótese sobre esta “teia natural” no homem é complexa, o que se pode assumir a priori é o reconhecimento pelo autor do caráter de que

“[...] todo querer procede de uma necessidade” (*Bedürfnis*) como uma condição de sujeição que exige satisfação (SCHOPENHAUER, 2001, p. 327) de alguma falta, como uma causa significativa deste contraste.

Tanto a racionalidade quanto atributo singular ao homem, quanto o próprio corpo como objeto da vontade experimentada, assim, corpo e razão estão sujeitos a este princípio em uma relação orgânica; “[...] e, portanto, que a vontade não é condicionada pela cognição, como se presumiu até agora sem exceções, mas a cognição pela vontade. E é essa a verdade fundamental de minha doutrina [...]” (SCHOPENHAUER, 2013, p. 46).

Dada a liberdade de especulação face ao acúmulo de considerações descritos em suas obras, admite-se que a força de persuasão utilizada em seu texto, que se propõe a descrever o mundo, aparentemente por um prisma pessimista, de fato, está essencialmente ligada a uma postura de interpretação naturalista, que assume a condição básica da existência no mundo por meio de um impulso de “sobrevivência”, nos termos schopenhauerianos “vontade de viver” (*Wille zum Leben*). Em decorrência dessa condição, Schopenhauer usa exaustivamente a palavra sofrimento, chamando a atenção para a insaciabilidade da vontade e a consistência que sujeita os fenômenos à conservação e ao conflito inevitável.

Considera-se justamente a tragédia como o mais elevado dos gêneros poéticos, tanto quanto à dificuldade da execução como quanto à grandeza da impressão que produz. É preciso notar com cuidado, se se quer compreender o conjunto das considerações apresentadas nesta obra, que esta forma superior do gênero poético tem por objetivo mostrar o lado terrível da vida, as dores indescritíveis, angústias da humanidade, o triunfo dos maus, o poder do acaso que aparece ridicularizar-nos, a derrota infalível do justo e do inocente: encontramos nela um símbolo significativo da natureza do mundo e da existência. O que vemos nela é a vontade a lutar consigo mesma com todo o pavor desse conflito. Neste grau supremo da sua objetividade, o conflito produz-se da maneira mais completa. A tragédia mostra-nos isso descrevendo os sofrimentos humanos, quer provenham do acaso ou do erro que governam o mundo sob a forma de uma necessidade inevitável, e com uma perfídia que quase podia ser tomada por uma perseguição voluntária, quer tenham a sua fonte na própria natureza do homem, na mortificação dos esforços e volições dos indivíduos, na perversidade e na ignorância da maioria deles. A vontade que vive e se manifesta em todos os homens é uma só, mas as suas manifestações combatem-se e despedaçam-se mutuamente. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 266).

A vontade que se manifesta ao impulsionar o ser à vida, também faz a “restituição em forma de sofrimento”, uma espécie de “compensação”, o estado natural para que o fenômeno tenha presença viva, isto é, exista<sup>3</sup>. Princípios que Schopenhauer retrata ao avaliar a razão da necessidade dos fenômenos, que prevê desde os níveis mais primitivos

<sup>3</sup> O Alcance desse entendimento corresponde com as teorias naturalistas vigentes no século XIX, como as de Lamarck e Darwin, que interpretam a natureza como uma competição pela sobrevivência das espécies, chamada seleção natural. No entanto, antes e depois de Darwin, é importante que se reconheça que muitos intelectuais estabeleceram as bases para o pensamento evolucionário moderno.

(incognoscíveis) aos fenômenos orgânicos e inorgânicos, tudo se soma a uma luta: forças físicas, animais e humanas descritas pelo filósofo estão diretamente relacionadas ao custo fatal da vontade de um simples fato, de que o fenômeno queira se concretizar.

Desse modo, considera-se que a percepção de Schopenhauer de um mundo onde a existência está fadada ao sofrimento possa ter uma conexão mais profunda com uma tendência naturalista, sendo essa uma possível matriz de interpretação da natureza do seu pretenso pessimismo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de investigar o homem na perspectiva de um autor é sempre muito significativa, no que diz respeito ao interesse em compreender como o homem é percebido a partir de seu alcance teórico conceitual e, ao mesmo tempo, é desafiador por se tratar de um típico problema filosófico inacabado, fruto de uma tradição sustentada por projetos comprometidos com a investigação da estrutura essencial do ser humano. A realidade é que essa tentativa permanece, seguindo outros modelos de investigação, mas não completamente distanciada de uma certa herança grega (*Nosce te ipsum*), dada essa tradição, nosso erro seria abandonar o ensinamento de *Delfos* e começar a explorar o mundo sem antes nos voltarmos para nós mesmos.

Foi possível perceber, ao longo do presente trabalho, que em Schopenhauer, o estudo da natureza do mundo e da natureza do homem são dimensões que se prestam a interações profundas e significativas em sua metafísica, tendo uma relação que se conecta com outros campos de investigação, relacionados à epistemologia, ética, estética, formando uma unidade e consenso de seus pensamentos fundamentais.

Com base nesse cenário, procuramos enfatizar a trajetória desse processo, mostrando a formulação da relação entre a metafísica e as ciências naturais, comprovando que essa associação cria condições favoráveis para um exercício hermenêutico imanente, seguindo o mesmo princípio que todos os fenômenos possuem causas que podem ser encontradas na natureza, contradizendo os fatores transcendentais, já que Schopenhauer (1996) mesmo considera que a interpretação do mundo deve partir do próprio mundo, sustentando que o conhecimento a priori da natureza pode ser confirmado por investigações empíricas.

Entretanto, essa metafísica imanente não pode ser compreendida de forma a rivalizar com as ciências naturais, como uma espécie de outra análise do mundo empírico, quando, incluindo as ciências no cerne desse modelo de pensamento, o esforço é

hermenêutico, tentando interpretar essas descobertas (a exemplo da fisiologia), como fenômenos que permeiam a existência tangível.

Afinal, intencionalidade em harmonizar dois campos de análise aparentemente distintos, não buscar responder à origem dessa natureza, tão pouco o porquê ela existe, mas tentar explicar o que ela é, podendo contribuir para a crítica dos pressupostos científicos e até ser proativa na formulação de novas teorias testáveis e preditivas que ajudam a estabelecer novos caminhos para a pesquisa empírica.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Eduardo. Schopenhauer e o conhecimento: a razão como instrumento da vontade. **Revista Mente, Cérebro e Filosofia**, São Paulo, v. 4, p. 14-21, 2007.

CACCIOLA, Maria Lúcia. Atualidade de Schopenhauer: o “eu quero” abre caminho ao inconsciente. **Revista Mente, Cérebro e Filosofia**, São Paulo, v. 4, p. 31-27, 2007.

CACCIOLA, Maria Lúcia. **Schopenhauer e a questão do dogmatismo**. São Paulo: EDUSP, 1994.

LOVEJOY, Arthur Oncken. **A grande cadeia do ser**. [S.l.]: Palíndromo, 2005.

SABATKE, Stéphanie; ACHLEI, Renata Covali Cairolli; DA SILVA, Luan Corrêa. Schopenhauer como um evolucionista, de Arthur O. Lovejoy. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 11, n. 3, p. 238-252, 2020.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Schopenhauer: E os anos mais selvagens da filosofia**. [S.l.]: Geração Editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a Vontade na natureza**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As Dores do mundo**. São Paulo: EDIPRO. 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. Crítica da Filosofia Kantiana. *In*: SCHOPENHAUER, Arthur. **Schopenhauer**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SEGALA, M. La fisiología de Schopenhauer. *In*: MONTESINOS, José *et al.* (ed.). **Ciência y Romanticismo**. La Orotava: Fundación Canaria Orotava de História de la Ciencia, 2003. p. 133-143.